

ARRISCAR
TUDO.
SEM OLHAR
PARA TRÁS.



AGORA
ADAPTADO
AO CINEMA



SEMPRE TU

COLLEEN HOOVER

AUTORA DE *ISTO ACABA AQUI* E *VERITY*

TOP
SEL
LER

*Este livro é para a brilhante e fascinante Scarlet Reynolds.
Estou desejosa de que este mundo sinta o teu impacto.*

Capítulo Um

Morgan

Pergunto-me se os seres humanos serão as únicas criaturas vivas a sentirem-se ocas por dentro.

Não compreendo como pode o meu corpo estar cheio de tudo aquilo de que os corpos estão cheios — ossos e músculos e sangue e órgãos — e por vezes o meu peito parecer vazio, como se alguém pudesse gritar para a minha boca e fizesse eco dentro de mim.

Há já algumas semanas que me sinto assim. Tinha a esperança de que pudesse passar porque começo a preocupar-me com o que estará a causar este vazio. Tenho um namorado excelente com quem saio há já dois anos. Se não contar com os momentos de intensa imaturidade adolescente do Chris (acima de tudo alimentados pelo álcool), ele é tudo aquilo que quero num namorado. Divertido, atraente, adora a mãe, tem objetivos. Não vejo em que medida possa ser ele a causa deste sentimento.

E depois há a Jenny. A minha irmã mais nova — a minha melhor amiga. Mas eu sei que ela não é a fonte do meu vazio. Ela é a principal fonte da minha felicidade, embora sejamos absolutamente opostas. Ela é extrovertida, espontânea e ruidosa, e tem uma gargalhada que eu mataria para ter. Eu sou mais sossegada do que ela e, na maior parte das vezes, o meu riso é forçado.

Costumamos dizer, em tom de brincadeira, que somos tão diferentes que, se não fôssemos irmãs, nos odiaríamos. Ela achar-me-ia entediante e eu achá-la-ia irritante, mas *porque* somos irmãs e só temos 12 meses de diferença, as nossas dissemelhanças funcionam, de alguma maneira. Temos os nossos momentos de tensão, mas nunca permitimos que uma discussão termine sem resolução. E quanto mais crescemos, menos discutimos e mais convivemos. Em especial agora, que ela namora com o melhor amigo do Chris, o Jonah. Nós os quatro passamos juntos, em grupo, quase todos o tempo em que estamos acordados, desde que o Chris e o Jonah terminaram o ensino secundário no mês passado.

A minha mãe podia ser a fonte do meu recente estado de espírito, mas isso não faria sentido. A sua ausência não é nada de novo. Na verdade, estou mais habituada agora do que antes, por isso, quando muito, passei a aceitar melhor o facto de que a mim e à Jenny calhou a palhinha mais curta no que diz respeito a pais. Ela tem estado inativa nas nossas vidas desde a morte do nosso pai, há cinco anos. Sentia-me mais amarga em relação ao facto de ter de cuidar da Jenny nessa altura do que agora. E quanto mais velha fico, menos me incomoda que ela não seja o tipo de mãe que se intromete nas nossas vidas, ou que nos impõe um recolher obrigatório, ou... que se preocupa. Na verdade, até é bastante divertido ter 17 anos e a liberdade com que a maior parte dos miúdos da minha idade só sonharia.

Nada mudou na minha vida recentemente para explicar este profundo vazio que tenho estado a sentir. *Ou talvez tenha mudado, e eu tenha demasiado medo de reparar.*

— Adivinha? — diz a Jenny. Ela está no lugar do passageiro, à frente. O Jonah conduz e o Chris e eu estamos sentados no banco de trás. Tenho estado a olhar pela janela durante este meu ataque de autorreflexão, por isso faço uma pausa nos meus pensamentos e olho para ela. Está virada para trás no seu assento, os olhos movendo-se entusiasticamente entre mim e o Chris. Está mesmo bonita,

esta noite. Pediu emprestado um dos meus vestidos compridos e manteve o seu aspeto simples, com muito pouca maquilhagem. É impressionante a diferença entre a Jenny de 15 anos e a Jenny de 16 anos. — O Hank disse que nos arranja produto esta noite.

O Chris ergue uma mão e choca com a da Jenny. Olho de novo pela janela, sem ter a certeza de gostar que ela goste deste tipo de consumos. Já consumi uma mão-cheia de vezes — um subproduto de ter a mãe que temos. Mas a Jenny tem apenas 16 anos e consome sempre que lhe consegue deitar a mão, em todas as festas a que vamos. Essa é uma grande razão para eu optar por *não* consumir, porque sempre me senti responsável por ela, dado que sou a mais velha e a nossa mãe não controla as nossas atividades seja de que modo for.

Por vezes também sinto que sou a ama-seca do Chris. O único neste carro de quem não tenho de tomar conta é o Jonah, mas isso não se prende com o facto de ele nunca beber ou consumir drogas. Ele parece apenas manter um certo nível de maturidade independentemente da substância que possa estar a correr no seu organismo. Tem uma das personalidades mais consistentes que alguma vez vi. Fica silencioso quando está bêbedo. Silencioso quando está drogado. Silencioso quando está feliz. E, de algum modo, ainda mais silencioso quando está zangado.

Tem sido o melhor amigo do Chris desde que eram miúdos, e são como as versões masculinas de mim e da Jenny, mas ao contrário. O Chris e a Jenny são a vida de todas as festas. O Jonah e eu somos os acompanhantes invisíveis.

Por mim tudo bem. Prefiro fundir-me com o papel de parede e observar silenciosamente as pessoas do que ser aquela que está de pé em cima da mesa no centro da sala, com todas as pessoas a olhar para ela.

— Quão longe é esse sítio? — pergunta o Jonah.

— Faltam mais uns oito quilómetros — diz o Chris. — Não é longe.

— Talvez não seja longe daqui, mas é longe das nossas casas. Quem é que nos vai levar para casa esta noite? — pergunta o Jonah.

— Eu não! — disseram a Jenny e o Chris exatamente ao mesmo tempo.

O Jonah olha de relance pelo espelho retrovisor. Sustém o olhar por um momento, e depois eu aceno com a cabeça. Ele também acena com a cabeça. Sem sequer falarmos, ambos concordámos em manter-nos sóbrios esta noite.

Não sei como o fazemos — comunicar sem comunicar —, mas foi algo que sempre ocorreu sem esforço entre nós. Talvez seja por sermos tão parecidos, as nossas mentes estão em sincronia na maior parte do tempo. A Jenny e o Chris nem se apercebem. Não precisam de comunicar silenciosamente com ninguém porque tudo aquilo de que precisam rola-lhes dos lábios, quer deva ou não.

O Chris agarra na minha mão para me chamar a atenção. Quando olho para ele, beija-me.

— Estás bonita esta noite — sussurra.

Sorrio-lhe.

— Obrigada. Tu também não estás nada mal.

— Queres ficar em minha casa esta noite?

Penso nisso por um segundo, mas a Jenny vira-se de novo no seu banco e responde por mim.

— Ela não me pode deixar sozinha esta noite. Sou uma menor prestes a passar as próximas quatro horas a ingerir imenso álcool e talvez uma substância ilegal. Quem é que me vai segurar o cabelo enquanto eu vomito, pela manhã, se ela ficar em tua casa?

O Chris encolhe os ombros.

— O Jonah?

A Jenny dá uma gargalhada.

— O Jonah tem pais normais, que o querem em casa pela meia-noite. Sabes bem disso.

— O Jonah acabou de terminar o secundário — diz o Chris, falando sobre ele como se ele não estivesse no lugar da frente

a escutar cada palavra. — Devia fazer-se um homenzinho e ficar toda a noite fora para variar.

O Jonah está a encostar o carro no posto de combustível quando o Chris diz aquilo.

— Alguém quer alguma coisa? — pergunta o Jonah, ignorando a conversa que temos sobre ele.

— Sim, vou tentar comprar cerveja — diz o Chris, desapertando o cinto de segurança.

Aquilo faz-me rir.

— Tens todo o aspeto de ter 18 anos. Não te vão vender a cerveja.

O Chris dirige-me um sorriso, recebendo o comentário como se fosse um desafio. Sai do carro para ir à loja e o Jonah começa a pôr combustível. Levo a mão à consola do Jonah e pegou num dos *Jolly Ranchers* de melancia que ele deixa sempre para trás. A melancia é o melhor sabor. Não compreendo como é que alguém o pode odiar, mas ele aparentemente odeia.

A Jenny desaperta o cinto de segurança e passa para o banco de trás comigo. Enrola as pernas por baixo do corpo, fitando-me. Tem os olhos cheios de malandrice quando diz:

— Acho que vou ter sexo com o Jonah esta noite.

Pela primeira vez em muito tempo, sinto o peito cheio. Mas não de uma maneira boa. Sinto-me como se este estivesse a ser inundada por uma água espessa. Talvez até por lama.

— Acabaste de fazer 16 anos.

— A mesma idade que tinhas quando tiveste sexo com o Chris pela primeira vez.

— Sim, mas já namorávamos há muito mais do que dois meses. E, mesmo assim, ainda me arrependo. Doeu como o diabo, durou talvez um minuto e ele cheirava a tequila. — Fiz uma pausa porque parecia que tinha acabado de insultar as aptidões do meu namorado. — Ele melhorou.

A Jenny dá uma gargalhada, mas depois afunda-se de novo no assento com um suspiro.

— Sinto que é de louvar o facto de ter aguentado dois meses.

Eu quero rir-me porque dois meses não é nada. Preferia que ela esperasse um ano inteiro. Ou cinco.

Não sei porque serei contra. Ela tem razão, eu era mais nova do que ela quando comecei a ter relações sexuais. E se ela vai perder a virgindade com alguém, pelo menos sei que é com uma boa pessoa. O Jonah nunca se aproveitou dela. Na verdade, ele já conhece a Jenny há um ano inteiro e nunca fez qualquer avanço até ela ter feito 16 anos. Para ela foi frustrante, mas fez-me respeitá-lo.

Suspiro.

— Só perdes a virgindade uma vez, Jenny. Não quero que este momento seja quando estás embriagada na casa de um estranho, a ter relações na cama de uma outra pessoa qualquer.

A Jenny move a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse, na realidade, a pensar naquilo que acabei de lhe dizer.

— Então talvez o pudéssemos fazer no carro dele.

Rio-me, não porque seja divertido, mas porque ela está a trocar de mim. Foi precisamente assim que perdi a virgindade com o Chris. Apertada no banco traseiro do *Audi* do pai dele. Foi francamente pouco notável e completamente embaraçoso, e embora tenhamos melhorado, teria sido agradável se a nossa primeira vez fosse algo que pudéssemos recordar com uma memória mais terna.

Nem quero pensar nisto. Ou falar sobre isto. É precisamente por esta razão que é difícil ser amiga da minha irmã mais nova — quero ficar entusiasmada por ela e ouvir tudo, mas, ao mesmo tempo, quero protegê-la de cometer os mesmos erros que eu. Quero sempre o melhor para ela.

Fito-a com sinceridade, tentando não parecer maternal.

— Se for para acontecer esta noite, pelo menos mantém-te sóbria.

A Jenny revira os olhos perante o meu conselho e regressa ao lugar da frente no preciso instante em que o Jonah abre a porta.

Também o Chris voltou. *Sem* cerveja. Bate com a porta e cruza os braços por cima do peito.

— É uma treta ter cara de bebé.

Rio-me e deslizo a mão pelo rosto dele, puxando a sua atenção para mim.

— Eu gosto da tua cara de bebé.

Aquilo fá-lo sorrir. Inclina-se e beija-me, mas afasta-se mal os nossos lábios se tocam. Bate no banco do Jonah.

— Tenta tu. — O Chris tira o dinheiro do bolso e estica-se para a parte da frente, largando-o no *tablier*.

— Não vai haver lá álcool suficiente? — pergunta o Jonah.

— É a maior festa de finalistas do ano. Vai lá estar toda a gente e todos nós somos menores. Precisamos de todos os reforços que conseguirmos.

O Jonah agarra no dinheiro com relutância e sai do carro. Depois de ele sair, o Chris volta a beijar-me, desta vez com língua. No entanto, afasta-se bastante depressa.

— O que é que tens na boca?

Mordo o *Jolly Rancher* para o partir.

— Um doce.

— Também quero — diz ele, levando a sua boca de novo à minha. A Jenny geme no banco da frente.

— Parem. Consigo ouvir-vos sorver.

O Chris afasta-se com um sorriso, mas também com um pedaço de *Jolly Rancher* na boca. Mastiga-o enquanto prende o cinto de segurança.

— Já lá vão seis semanas desde que terminámos o secundário. Quem é que faz uma festa de fim de ano seis semanas depois de a escola terminar? Não que eu me esteja a queixar. Parece apenas que já devíamos ter terminado as festas de fim de ano por esta altura.

— Não se passaram seis semanas. Só quatro — digo.

— Seis — corrige ele. — Estamos a 11 de julho.

Seis?

Tento impedir que o súbito ataque de tensão que invade cada músculo do meu corpo seja visível para o Chris, mas não consigo

evitar a reação perante aquilo que ele acaba de dizer. Todo o meu corpo fica rígido.

Não passaram seis semanas. *Passaram?*

Se já se passaram seis semanas... isso significa que o meu período está duas semanas atrasado.

Merda. Merda, merda, merda.

A bagageira do carro do Jonah abre-se. O Chris e eu olhamos para trás, no preciso momento em que o Jonah volta a fechar a bagageira e se dirige à porta do condutor. Quando entra no carro, tem um sorriso convencido estampado no rosto.

— Filho da mãe — resmunga o Chris, abanando a cabeça. — Ela nem te pediu identificação?

O Jonah liga o carro e começa a afastar-se.

— É tudo uma questão de confiança, meu amigo.

Observo enquanto o Jonah estende a mão e pega na da Jenny.

Olho pela janela, o estômago revoltado, as palmas das mãos a suar, o coração a bater, os dedos contando silenciosamente os dias desde que tive o meu último período. Não tinha pensado nisso de todo. Sei que foi na cerimónia de fim de ano, porque o Chris estava todo chateado por não podermos ter sexo. Mas eu estava à espera de que o período viesse a qualquer momento, pensando que tinha passado apenas um mês desde que eles haviam terminado o secundário. Temos estado os quatro tão atarefados a fazer uma tonelada de coisas durante as férias de verão que eu nem sequer tinha pensado nisso.

Doze dias. Estou com doze dias de atraso.

Foi tudo aquilo em que consegui pensar durante toda a noite enquanto estávamos nesta festa de finalistas. Quero pedir as chaves do carro do Jonah emprestadas, conduzir até uma farmácia aberta 24 horas e comprar um teste de gravidez, mas isso levá-lo-ia a fazer perguntas. E a Jenny e o Chris dariam pela minha ausência. Em vez disso, tenho de passar toda a noite rodeada por música tão alta que

consigo senti-la nos ossos. Há corpos suados por toda a parte desta casa, pelo que não tenho para onde fugir. Agora estou demasiado assustada para beber, porque se estiver grávida, não faço ideia do que isso poderá fazer. Nunca tinha pensado muito na gravidez, por isso não sei exatamente quanto álcool poderá prejudicar o feto. Nem sequer irei arriscar.

Nem acredito nisto.

— Morgan! — grita o Chris do outro lado da sala. Está de pé em cima de uma mesa. Um outro tipo está numa mesa ao lado da dele. Estão entretidos com um jogo em que se equilibram numa perna e bebem shots à vez até um deles cair. É um dos jogos preferidos do Chris e uma das alturas em que menos gosto de estar perto dele, mas ele faz-me sinal para que me aproxime. Antes que consiga atravessar a sala, o outro tipo da mesa ao lado cai, e o Chris levanta o seu punho em sinal de vitória. Depois salta para o chão no preciso instante em que chego junto dele. Envolve-me com um braço, puxando-me para si.

— Estás a ser aborrecida — diz ele. Leva o copo dele à minha boca. — Bebe. Alegra-te.

Afasto o copo.

— Vou ser eu a conduzir até casa. Não quero beber.

— Não, o Jonah é que vai conduzir. Estás safa. — O Chris tenta uma vez mais dar-me outra bebida, mas eu afasto-a de novo.

— O Jonah queria beber, por isso disse-lhe que eu conduzia — minto.

O Chris olha à sua volta, localizando alguém nas proximidades. Sigo o seu olhar e vejo o Jonah sentado no sofá ao lado da Jenny, que tem as pernas sobre o seu colo.

— Vais conduzir esta noite, certo?

O Jonah olha para mim de relance antes de responder ao Chris. É uma conversa silenciosa de dois segundos, mas o Jonah percebe, pela minha expressão suplicante, que preciso que ele diga ao Chris que não.

O Jonah inclina a cabeça com alguma curiosidade, mas depois olha para o Chris.

— Não. Vou enfrascar-me.

O Chris baixa os ombros e volta a olhar para mim.

— Está bem. Parece que vou ter de me divertir sozinho.

Estou a tentar não me sentir insultada pelas suas palavras, mas é difícil evitá-lo.

— Estás a dizer que não sou divertida quando estou sóbria?

— Claro que és divertida, mas a Morgan bêbeda é a minha versão preferida.

Uau. Isso deixa-me algo triste. Mas ele está embriagado, por isso vou desculpar os seus insultos por agora, mesmo que seja só para evitar uma discussão. Não me apetece. Tenho coisas mais importantes em que pensar.

Dou umas palmadinhas no peito do Chris com as duas mãos.

— Bem, a Morgan embriagada não vai estar aqui esta noite, por isso vai à procura de alguém que se possa divertir contigo.

Precisamente quando digo aquilo, alguém agarra no Chris pelo braço e puxa-o em direção às mesas.

— Desforra! — diz o tipo.

Dito aquilo, o meu nível de sobriedade deixa de ser uma preocupação para o Chris, por isso aproveito a oportunidade para fugir dele, daquele ruído e daquelas pessoas. Saio pela porta das traseiras e deparo com uma versão mais calma da festa e uma explosão de ar fresco. Há uma cadeira vazia ao lado da piscina, e embora esteja um casal dentro de água, que tenho a certeza de estar a fazer coisas que deveriam ser consideradas pouco higiénicas numa piscina, é de algum modo menos irritante do que estar dentro de casa. Viro a cadeira de modo que não os veja e recosto-me, fechando os olhos. Passo os minutos seguintes a tentar não me sentir obcecada com todos os sintomas que possa ou não ter tido durante este último mês.

Não tenho sequer tempo para começar a pensar acerca do que tudo isto poderá significar para o meu futuro, quando ouço uma

cadeira a ser arrastada pelo betão atrás de mim. Nem sequer quero abrir os olhos e ver quem é. Não suporto o Chris e toda a sua embriaguez neste momento. Nem sequer consigo suportar a Jenny e a sua combinação de álcool, erva e 16 anos.

— Estás bem?

Suspiro de alívio quando ouço a voz do Jonah. Inclino a cabeça e abro os olhos, sorrindo-lhe.

— Sim. Estou bem.

Percebo, pela sua expressão, que ele não acredita em mim, mas paciência. Nem pensar que vou contar ao Jonah que o meu período está atrasado porque *a)* ele não tem nada que ver com isso, *b)* nem sequer tenho a certeza de estar grávida e *c)* o Chris será a primeira pessoa a quem direi, caso esteja.

— Obrigada por teres mentido ao Chris — digo. — Não me apetecia mesmo nada beber esta noite.

O Jonah acena-me com a cabeça, compreendendo, e oferece-me um copo de plástico. Apercebo-me de que está a segurar dois, por isso pego num.

— É refrigerante — diz ele. — Encontrei uma lata perdida enterrada numa das arcas.

Bebo um gole e inclino a cabeça para trás. De qualquer maneira, os refrigerantes sabem tão melhor do que o álcool.

— Onde está a Jenny?

O Jonah aponta com a cabeça em direção à casa.

— A beber shots em cima de uma mesa. Não consegui ver.

Gemo.

— Como odeio esse jogo.

O Jonah ri-se.

— Como é que acabámos com pessoas que são os nossos exatos opostos?

— Já sabes o que dizem. Os opostos atraem-se.

O Jonah encolhe os ombros. Acho estranho que encolha assim os ombros. Olha-me por um momento, afasta o olhar e diz:

— Ouvi o que o Chris te disse. Não sei se foi por isso que vieste cá para fora, mas espero que saibas que ele não estava a falar a sério. Está bêbedo. Sabes como é que ele fica nestas festas.

Gosto de que o Jonah esteja a defender o Chris neste momento. Embora o Chris possa, por vezes, ser um bocadinho insensível, tanto o Jonah como eu sabemos que o seu coração é maior do que os nossos em conjunto.

— Poderia zangar-me se ele estivesse sempre a fazer isto, mas é uma festa de finalistas. Eu percebo... está a divertir-se, e quer que eu me divirta com ele. De certa maneira, ele tem razão. A Morgan bêbeda é muito melhor do que a Morgan sóbria.

O Jonah olha-me com firmeza.

— Discordo plenamente disso.

Mal ele diz aquilo, afasto dele os olhos e baixo-os para a minha bebida. Faço-o porque tenho medo do que está a acontecer neste momento. Começo a sentir de novo o meu peito cheio, mas, desta vez, de uma boa maneira. Aquele vazio está a ser substituído pelo calor, e por borboletas e pelo coração acelerado, e odeio esta sensação porque acabo de perceber o que me levou a sentir tão vazia durante estas últimas semanas.

O Jonah.

Por vezes, quando estamos sozinhos, ele olha para mim de uma maneira que me faz sentir vazia quando afasta o olhar. É uma sensação que nunca tive quando o Chris olha para mim.

Esta constatação assusta-me de morte.

Até recentemente, parece que passei toda a minha vida sem sentir isto, mas agora que senti, é como se uma parte de mim desaparecesse quando a sensação desaparece.

Tapo o rosto com as mãos. De todas as pessoas no mundo junto de quem quero estar, é uma constatação de merda perceber que o Jonah Sullivan começa a chegar ao topo dessa lista.

É como se o meu coração tivesse estado numa busca constante pela peça em falta e o Jonah a segurasse nas mãos.

Levanto-me. Tenho de me afastar dele. Estou apaixonada pelo Chris, por isso sinto-me desconfortável e estranha por estar sozinha com o seu melhor amigo e a ter estes sentimentos. Talvez seja o refrigerante que me está a fazer sentir assim.

Ou o receio de estar grávida.

Talvez não tenha nada que ver com o Jonah.

Estou em pé há cinco segundos quando, inesperadamente, aparece o Chris. Os seus braços apertam-se à minha volta de imediato antes de nos lançar a ambos para a piscina. Sinto-me simultaneamente irritada e aliviada, porque precisava mesmo de me afastar do Jonah, mas agora estou a afundar-me para as profundezas de uma piscina onde não tinha qualquer intenção de entrar estando completamente vestida.

Chego à superfície ao mesmo tempo que o Chris, mas antes de conseguir ralar com ele, ele puxa-me para si e beija-me. Devolvo o beijo, porque preciso dessa distração.

— Onde está a Jenny? — Tanto eu quanto o Chris levantamos os olhos, e o Jonah paira sobre nós, olhando para o Chris.

— Não sei — diz o Chris.

O Jonah revira os olhos.

— Pedi-te que a mantivesses debaixo de olho. Ela está bêbeda. — O Jonah dirige-se à casa em busca da Jenny.

— Também eu — diz o Chris. — Nunca peças a uma pessoa bêbeda para cuidar de uma pessoa bêbeda! — O Chris afasta-se um pouco até conseguir encostar-se e depois puxa-me para junto dele. Apoia as costas na parede da piscina e posiciona-se de maneira que eu fique pendurada no seu pescoço, a olhar para ele. — Desculpa pelo que disse antes. Não acho que nenhuma versão de ti seja aborrecida.

Faço beicinho, aliviada por ele se ter apercebido de que estava a ser parvo.

— Só queria que te divertisses esta noite. Acho que não te estás a divertir.

— Agora estou. — Forço um sorriso porque não quero que ele se aperceba do tumulto por debaixo da superfície. Mas não consigo deixar de me sentir preocupada, por muito que tente, até ter a certeza. Estou preocupada por mim, por ele, por nós, pela criança que poderemos estar a trazer para o mundo muito antes de qualquer um de nós estar pronto. Não nos podemos dar a este luxo. Não estamos preparados. Nem sequer sei se o Chris é a pessoa com quem quero passar o resto da minha vida. Isso é, sem dúvida, algo de que uma pessoa deveria estar certa antes de se lançar na criação de um outro ser humano em conjunto.

— Queres que te diga qual é a minha coisa preferida em ti? — pergunta o Chris. A minha camisa não para de flutuar até à superfície, por isso ele prende-a na parte da frente das minhas calças de ganga. — És uma sacrificadora. Nem sequer sei se isso é uma palavra a sério, mas é o que és. Fazes coisas que não queres fazer para tornar melhor a vida das pessoas à tua volta. Como seres tu a conduzir. Isso não faz de ti aborrecida. Faz de ti uma heroína.

Dou uma gargalhada. O Chris torna-se muito elogioso quando está embriagado. Por vezes gozo com ele por causa disso, mas em segredo adoro-o.

— Agora era suposto dizeres algo que adoras em mim — diz ele.

Olho para cima e para a esquerda, como se tivesse de pensar muito. Ele aperta-me num gesto brincalhão.

— Adoro o quão divertido és — digo. — Fazes-me rir, mesmo quando me deixas frustrada.

O Chris sorri e surge uma covinha no centro do seu queixo. Ele tem um sorriso espantoso. Se eu estiver grávida e acabarmos por ter um filho juntos, espero que pelo menos tenha o sorriso do Chris. Tanto quanto me consigo lembrar, essa é a única coisa positiva que resultaria desta situação.

— E que mais? — pergunta.

Estico a mão e toco na sua covinha, plenamente preparada para lhe dizer que adoro o seu sorriso, mas em vez disso digo:

— Acho que um dia serás um pai fantástico.

Não sei porque digo isso. Talvez esteja a testar as águas. A ver qual será a sua reação.

Ele dá uma gargalhada.

— Podes crer que sim. A Clara vai adorar-me.

Inclino a cabeça.

— Clara?

— A minha futura filha. Já lhe dei nome. No entanto, continuo a trabalhar no nome para um rapaz.

Reviro os olhos.

— Então e se a tua futura esposa odiar esse nome?

Ele desliza as mãos pelo meu pescoço e agarra-me as bochechas.

— Não vais odiar. — Depois beija-me.

E embora o seu beijo não me encha o peito como, por vezes, os olhares do Jonah encham, sinto uma certeza reconfortante neste momento. Nas suas palavras. No seu amor por mim.

Aconteça o que acontecer quando, por fim, fizer o teste de gravidez amanhã... Sinto-me confiante de que ele irá apoiar-me. O Chris é mesmo assim.

— Malta, devíamos ir — diz o Jonah.

O Chris e eu afastamo-nos e olhamos para o Jonah. Ele está a segurar a Jenny. Ela tem os braços à volta do pescoço dele e o rosto encostado contra o peito. Está a gemer.

— Eu disse-lhe para não subir para aquela mesa — resmunga o Chris, saindo da piscina. Ajuda-me a sair e esprememos tanta água quanto possível das nossas roupas antes de nos dirigirmos ao carro do Jonah. Felizmente, os assentos são de cabedal. Meto-me no lugar do condutor, dado que o Chris presume que o Jonah esteve a beber. O Jonah senta-se na parte de trás com a Jenny. O Chris vai mudando de estação de rádio enquanto nos afastamos da festa.

A *Bohemian Rhapsody* acaba de começar a tocar numa das estações, por isso o Chris aumenta o som e começa a cantar. Alguns segundos depois, o Jonah está a cantar também.

Surpreendentemente, junto-me a eles baixinho. É impossível um ser humano conseguir ouvir esta canção quando está a conduzir e *não* acompanhar. Mesmo que esteja a lidar com uma possível gravidez aos 17 anos, enquanto sente coisas por alguém que está no banco de trás do carro, quando devia senti-las pela pessoa que está no banco da frente, no lugar do passageiro.

Capítulo Dois

Clara

Dezassete anos depois

O lho para o lugar do passageiro e estremeço. Como sempre, há migalhas de uma fonte desconhecida a cobrir as rugas do cabedal. Agarro na mochila e atiro-a para o banco de trás, juntamente com um velho saco de *fast food* e duas garrafas de água vazias. Tento sacudir as migalhas. Acho que devem ser pedacinhos de pão de banana que a Lexie esteve a comer na semana passada. Ou podem ser migalhas do *bagel* que ela esteve a comer a caminho da escola esta manhã.

Vários trabalhos da escola já avaliados jazem amarrotados no chão. Levo a mão a eles, guinando para a valeta antes de corrigir a direção e decidir que é melhor deixar os trabalhos onde estão. Ter um carro apresentável não vale a pena o risco.

Quando chego ao sinal de stop, faço uma pausa e dou a esta decisão a contemplação que merece. Posso continuar a conduzir em direção a casa, onde toda a minha família se prepara para um dos nossos jantares de aniversário tradicionais. Ou posso dar meia-volta e regressar ao cimo da colina, onde acabei de passar pelo Miller Adams, de pé, na berma da estrada.

Ele passou quase todo este último ano a evitar-me, mas não posso deixar alguém preso neste calor, ainda que só o conheça mais ou menos, por muito estranhas que estejam as coisas entre nós. Estão quase 37 graus lá fora. Tenho o ar condicionado ligado, mas as gotas de suor deslizam-me pelas costas, sendo ensopadas pelo meu soutien.

A Lexie usa o soutien uma semana inteira antes de o lavar. Diz que o borriça com perfume todas as manhãs. Para mim, usar um soutien duas vezes antes de o lavar é quase tão mau quanto usar o mesmo par de cuecas dois dias seguidos.

É pena eu não aplicar ao meu carro a mesma filosofia que aplico aos meus soutiens.

Inspiro e sinto que o carro cheira a bafio. Pondero a possibilidade de o borrifar com um bocadinho de desodorizante que guardo na consola, mas se decidir dar meia-volta ao carro e oferecer uma boleia ao Miller, o meu carro irá ter o cheiro de um desodorizante acabado de borrifar, e não sei qual será pior. Um carro que, sem qualquer esforço, cheira a bafio, ou um carro que cheira propositamente a desodorizante fresco para *esconder* o cheiro do bafio.

Não que eu esteja a tentar impressionar o Miller Adams. É difícil, para mim, preocupar-me com a opinião de um tipo que parece esforçar-se tanto para me tentar evitar. *Mas, por uma qualquer razão, preocupo.*

Nunca disse isto à Lexie porque me envergonha, mas, no início deste ano, o Miller e eu recebemos cacifos um ao lado do outro. Isso durou um total de duas horas, até o Charlie Banks começar a usar o cacifo do Miller. Perguntei ao Charlie se lhe tinham atribuído um novo cacifo e ele disse-me que o Miller lhe oferecera 20 dólares só para trocarmos.

Talvez não tenha nada que ver comigo, mas pareceu-me pessoal. Não tenho a certeza do que tenha feito para que ele goste tão pouco de mim, e tento não me preocupar com os sentimentos que estão por trás desta fuga. Mas não gosto que ele não goste de mim, por

isso macacos me mordam se vou passar por ele e confirmar os seus sentimentos, porque *eu sou simpática, raios!* Não sou esta pessoa terrível que ele parece pensar que sou.

Dou meia-volta. Preciso que a impressão dele sobre mim mude, ainda que seja por motivos meramente egoístas.

Quando me aproximo do cimo da colina, o Miller está junto a um sinal, segurando o telemóvel. Não sei onde estará o carro dele, e ele não estará sem dúvida nesta estrada por ter vindo dar uma volta. Enverga um par de calças de ganga azuis descoloridas e uma t-shirt preta, cada uma, por si só, uma sentença de morte sob este calor, mas... em conjunto? Insolação é uma estranha maneira de partir, mas cada um tem a sua pancada.

Ele está a observar-me quando dou a volta ao carro e estaciono atrás dele. Está a cerca de metro e meio do meu carro, por isso consigo ver o sorriso estampado no seu rosto quando desliza o telemóvel para o bolso de trás e ergue para mim os olhos.

Não sei se o Miller se apercebe do que a sua atenção (ou falta dela) pode fazer a uma pessoa. Quando ele olha para nós, fá-lo de uma maneira que nos faz sentir a coisa mais interessante que ele alguma vez viu. Consegue, de algum modo, pôr todo o seu corpo num olhar. Inclina-se para a frente, as sobrancelhas aproximando-se uma da outra em sinal de curiosidade, acena com a cabeça, escuta, ri-se, franze o sobrolho. As suas expressões enquanto ouve as pessoas são cativantes. Por vezes observo-o de longe enquanto ele conversa com as pessoas — invejando secretamente o facto de estarem a receber toda a sua atenção. Sempre me perguntei como seria ter uma conversa com ele. O Miller e eu nunca conversámos pessoalmente, mas já houve alturas, no passado, em que o apanhei a olhar para mim de relance, e até um segundo fugaz da sua atenção consegue deixar-me arrepiada.

Começo a pensar que talvez não devesse ter feito a inversão de marcha, mas fi-lo e aqui estou, por isso baixo a janela e engulo os nervos.

— Ainda faltam mais uns 13 dias para a próxima camioneta. Precisas de boleia?

O Miller olha para mim por um momento, depois olha para trás, para a estrada vazia, como se estivesse à espera de uma melhor opção. Limpa o suor da testa; depois a sua concentração poussa-se no sinal que está a agarrar.

A antecipação que redemoinha no meu estômago é um sinal claro de que me preocupo muito com a opinião do Miller Adams, por muito que tente convencer-me de que não é assim.

Odeio que as coisas sejam estranhas entre nós, embora nunca tenha acontecido nada, de que me tenha apercebido, para as tornar estranhas. Mas a maneira como ele me evita faz-me sentir que aconteceu alguma coisa no passado, quando, na verdade, não tivemos qualquer interação. É quase como pôr fim a uma relação e depois não saber como conduzir uma amizade com essa pessoa na sequência do rompimento.

Por muito que desejasse não querer saber nada acerca dele, é difícil não querer a sua atenção, porque ele é único. E giro. Especialmente agora, com o boné dos Rangers virado para trás e algumas madeixas de cabelo escuro a espreitarem por baixo dele. Já há muito que devia ter cortado o cabelo. Normalmente mantém-no mais curto, mas apercebi-me, quando começámos as aulas, de que tinha ficado muito mais comprido durante o verão. Gosto dele assim. Também gosto dele mais curto.

Merda. Tenho estado a prestar atenção ao *cabelo* dele? Sinto que me trai subconscientemente.

Ele tem um chupa-chupa na boca, o que não é estranho. Acho engraçado o facto de o Miller ser viciado em chupa-chupas, mas também transmite uma certa vibração convencida. Não me parece que rapazes inseguros andassem de um lado para o outro com doces como ele anda, mas aparece sempre na escola a comer um chupa-chupa e, normalmente, tem um na boca todos os dias depois do almoço.

Ele tira o chupa da boca e lambe os lábios, e sinto-me plenamente a adolescente suada de 16 anos que sou neste momento.

— Podes vir aqui um segundo? — pergunta ele.

Estou disposta a dar-lhe boleia, mas sair para aquele calor não faz parte do plano.

— Não. Está calor.

E acena-me.

— Vão ser só alguns minutos. Despacha-te antes que eu seja apanhado.

Não me apetece mesmo sair do carro. Começo a arrepender-me de ter dado a volta, ainda que esteja finalmente a ter uma conversa com ele como sempre quis.

É um empate técnico. Ter uma conversa com o Miller ocupa um segundo lugar muito próximo do ar frio que sai do ar condicionado do meu carro, por isso reviro os olhos num gesto dramático antes de sair. Preciso que ele perceba o enorme sacrifício que estou a fazer.

O alcatrão fresco da estrada cola-se à parte de baixo dos meus chinelos. Esta estrada já está em construção há vários meses, e tenho a certeza de que os meus chinelos estão agora arruinados por causa dela.

Levanto um dos pés e olho para a sola do chinelo suja de alcatrão, resmungando.

— Vou mandar-te a conta de uns sapatos novos.

Ele olha para os meus chinelos de meter no dedo com uma expressão inquisitiva.

— Isso não são sapatos.

Olho de relance para o sinal a que ele se agarra. É o sinal de limite da cidade, que é mantido direito por uma plataforma de madeira improvisada. A plataforma está segura por dois enormes sacos de areia. Dado que a estrada está a ser construída, nenhum dos sinais nesta via está preso ao chão.

O Miller limpa as gotas de suor da testa e depois estica um braço e pegnum num dos sacos de areia, estendendo-mo.

— Pega nisto e segue-me.

Resmungo quando ele me larga o saco de areia nos braços.

— Sigo-te para onde?

Ele aponta com a cabeça na direção de onde eu vim.

— Até a uns seis metros daqui — volta a meter o chupa na boca, pega no outro saco de areia e atira-o num gesto sem esforço sobre o ombro. Depois começa a arrastar o sinal atrás de si. A plataforma de madeira raspa o pavimento e minúsculos pedaços de madeira saem disparados.

— Estás a roubar o sinal de limite da cidade?

— Não. Estou só a mudá-lo.

Continua a andar enquanto me mantenho imóvel, a vê-lo arrastar o sinal. Os músculos nos seus antebraços estão tensos, e pergunto-me qual será o aspeto da sua restante musculatura sob tão grande tensão. *Para com isso, Clara!* O saco de areia está a deixar-me os braços doridos, e a luxúria começa a roer o meu orgulho, por isso começo relutantemente a segui-lo ao longo dos seis metros.

— Só estava a pensar oferecer-te boleia — disse eu para a parte de trás da sua cabeça. — Nunca tencionei ser cúmplice no que quer que isto seja.

O Miller endireita o sinal, pousa o saco de areia sobre as tábuas de madeira, e depois tira o outro saco dos meus braços. Coloca-o também no sítio e endireita o sinal para que esteja virado para o lado certo. Tira o chupa da boca e sorri.

— Perfeito. Obrigado. — Limpa uma mão às calças de ganga. — Dás-me boleia para casa? Juro que a temperatura subiu uns dez graus no meu caminho até aqui. Devia ter trazido a carrinha.

Aponto para o sinal.

— Porque é que acabámos de mudar este sinal?

Ele vira o boné ao contrário e puxa para baixo a pala para bloquear um pouco mais do sol.

— Vivo a cerca de um quilómetro e meio naquela direção — diz ele, apontando com o polegar por cima do ombro. — A minha

pizzaria preferida não entrega fora dos limites da cidade, por isso tenho estado a mudar o sinal um bocadinho cada semana. Estou a tentar chegar com ele ao outro lado do acesso da nossa casa antes de terminarem a construção e o cimentarem no chão.

— Estás a mudar os limites da cidade? Por causa de uma pizza?

O Miller começa a dirigir-se para o meu carro.

— É só um quilómetro e meio.

— Mudar os sinais da estrada não é ilegal?

— Talvez. Não sei.

Começo a segui-lo.

— Porque é que estás a mudá-lo um bocadinho de cada vez? Porque não o mudas de uma vez para o outro lado do acesso à tua casa?

Ele abre a porta do lado do passageiro.

— Se o mover pouco a pouco, é mais provável que ninguém se aperceba.

Bom argumento.

Uma vez dentro do meu carro, descalço os chinelos manchados de alcatrão e ligo o ar condicionado. Os meus trabalhos ficam amarrotados por baixo dos pés do Miller quando ele prende o cinto. Ele curva-se e pega-lhes, depois folheia-os e lê as notas.

— Tudo A — diz ele, colocando a pilha de trabalhos no banco de trás. — É natural para ti ou estudas muito?

— Uau, és metedigo. E é um bocadinho dos dois. — Começo a levar o carro para a estrada quando o Miller abre a consola e espreita para o interior. Parece um cachorrinho curioso. — O que estás a fazer?

Ele tira do interior uma lata de desodorizante.

— Para emergências? — Sorri e abre a tampa, cheirando-o. — Cheira bem. — Volta a colocá-lo na consola, depois retira uma caixa de pastilhas elásticas e tira uma, oferecendo-me outra. *Ele está a oferecer-me a minha própria pastilha elástica.*

Abano a cabeça, observando enquanto ele inspeciona o meu carro com uma curiosidade rude. Não come a pastilha elástica

porque ainda tem o chupa na boca, por isso enfia-a no bolso e depois começa a percorrer as canções no meu rádio.

— És sempre assim tão intrometido?

— Sou filho único — diz ele, como se isso fosse uma desculpa.

— O que estás a ouvir?

— Tenho a *playlist* em *shuffle*, mas esta música em particular é dos Greta Van Fleet.

Ele sobe o volume precisamente quando a música chega ao fim, por isso não está a tocar nada.

— Ela é alguma coisa de jeito?

— Não é uma *ela*. É uma banda de *rock*.

O solo de guitarra que abre a música seguinte faz-se ouvir através das colunas, e um sorriso enorme espalha-se pelo rosto dele.

— Estava à espera de algo um pouco mais calmo! — grita ele.

Volto a olhar para a estrada, perguntando-me se o Miller Adams será sempre assim. Aleatório, ruidoso, talvez até hiperativo. A nossa escola não é enorme, mas ele anda no último ano, por isso não tenho aulas com ele. Mas conheço-o suficientemente bem para reconhecer que ele me evita. Simplesmente nunca tinha estado neste tipo de situação com ele. Próxima e pessoal. Não tenho a certeza do que estava à espera, mas não era disto.

Ele leva a mão a algo preso entre a consola e o assento, mas antes que me aperceba do que se trata, ele já a abriu. Arranco-lha da mão e atiro-a para o banco de trás.

— O que era aquilo? — pergunta.

É uma pasta com todas as minhas candidaturas à faculdade, mas não quero debater a questão porque é um forte motivo de discussão entre mim e os meus pais.

— Não é nada.

— Parecia uma candidatura à faculdade, para o departamento de teatro. Já estás a enviar as tuas candidaturas à faculdade?

— És, sinceramente, a pessoa mais intrometida que alguma vez conheci. E não. Estou apenas a colecioná-las porque quero estar

preparada. — *E a escondê-las no meu carro porque os meus pais se passariam se soubessem como levo o teatro a sério.* — Ainda não te candidataste a nada?

— Sim. Escola de cinema. — Os cantos dos lábios do Miller erguem-se num sorriso.

Agora está só a ser engraçadinho.

Ele começa a bater as mãos no *tablier* ao som da música. Estou a tentar manter os olhos na estrada, mas sinto-me atraída para ele. Em parte porque ele é cativante, mas também porque sinto que precisa de uma ama-seca.

Subitamente, dá um salto, endireita as costas, e isso deixa-me tensa porque não faço ideia do que acaba de sobressaltá-lo. Tira o telefone do bolso de trás das calças para atender uma chamada, da qual nem me apercebera por causa da música. Ele toca no botão do meu rádio e tira o chupa da boca. Já não resta quase nada. Apenas um minúsculo nó vermelho.

— Olá, querida — diz ele ao telefone.

Querida? Tento não revirar os olhos.

Deve ser a Shelby Phillips, a sua namorada. Já namoram há um ano. Ela costumava frequentar a nossa escola, mas terminou no ano passado e agora estuda na faculdade a cerca de 45 minutos daqui. Não tenho problema nenhum com ela, mas também nunca interagi com ela. Tem mais dois anos do que eu e, embora dois anos não seja nada quando se é adulto, dois anos é muito em anos de secundário. Saber que o Miller namora com uma universitária faz-me afundar no assento. Não sei por que razão isso me faz sentir inferior, como se o facto de frequentar a universidade tornasse uma pessoa automaticamente mais intelectual e interessante do que um semifinalista do ensino secundário alguma vez poderia ser.

Mantenho os olhos na estrada, embora gostasse de ver todas as expressões do seu rosto enquanto está ao telefone. Não sei porquê.

— A caminho de casa. — Faz uma pausa enquanto aguarda pela resposta dela e depois diz: — Pensei que isso era amanhã à noite.

— Mais uma pausa. Depois acrescenta: — Acabaste de passar pelo acesso à minha casa.

Demoro um segundo a perceber que ele está a falar comigo. Olho para ele e ele tem a mão a tapar o telefone.

— O acesso à minha casa era lá atrás.

Carrego repentinamente no travão. Ele agarra-se ao *tablier* com a mão esquerda e murmura «Merda» com uma gargalhada.

Estava de tal modo imersa na minha tentativa de ouvir a sua conversa que me esqueci do que estava a fazer.

— *Naa* — diz o Miller ao telefone. — Fui dar um passeio, e ficou muito calor, por isso apanhei boleia para casa.

Consgo ouvir a Shelby do outro lado da linha a dizer:

— Quem é que te deu boleia?

Ele olha para mim por um instante e depois diz:

— Um tipo qualquer. Não sei. Ligo-te mais tarde?

Um tipo qualquer? Alguém tem problemas de confiança.

O Miller termina a chamada precisamente quando entro no acesso à sua casa. É a primeira vez que a vejo. Sabia mais ou menos onde ele vivia, mas nunca tinha visto a sua casa devido à fila de árvores que se alinham junto ao acesso, escondendo aquilo que se encontra para lá da gravilha branca.

Não é o que eu estava à espera.

Trata-se de uma casa antiga, muito pequena, com estrutura em madeira e a necessitar seriamente de ser pintada. O alpendre da frente tem o habitual baloiço e duas cadeiras de baloiço, que são as únicas coisas em todo este espaço que parecem atraentes.

Está uma velha carrinha azul no caminho de acesso e outro carro — não tão velho, mas de qualquer modo em pior estado do que a casa — parado do lado direito, em cima de blocos de cimento, com ervas daninhas a crescer dos lados e a engolir a estrutura.

Fico algo chocada com aquilo. Não sei porquê. Acho que tinha imaginado que ele vivesse numa casa grandiosa, com um lago nas traseiras e uma garagem para quatro carros. As pessoas na nossa

escola podem ser duras, e parecem avaliar a popularidade de uma pessoa de acordo com uma combinação de bom aspeto e dinheiro, mas talvez a personalidade do Miller compense a sua falta de dinheiro, porque ele parece popular. Nunca ouvi dizer que alguém tivesse falado negativamente acerca dele.

— Não era o que estavas à espera?

As palavras dele despertam-me. Ponho o carro em modo *parking* quando chego ao final do acesso e faço os possíveis por fazer de conta que não há nada na sua casa que me choque. Mudo completamente de assunto, olhando para ele de olhos semicerrados.

— Um *tipo* qualquer? — pergunto, regressando ao modo como ele se referiu a mim durante a chamada.

— Não vou dizer à minha namorada que me deste boleia — diz ele. — Vai transformar-se num interrogatório de três horas.

— Parece uma relação mesmo divertida e saudável.

— E é, quando não estou a ser interrogado.

— Se odeias tanto ser interrogado, talvez não devesse mexer nos limites da cidade.

Ele já está fora do carro quando digo aquilo, mas inclina-se para olhar para mim antes de fechar a porta.

— Prometo não referir que foste minha cúmplice se prometeres não referir que eu estou a ajustar os limites da cidade.

— Compra-me uns chinelos novos e esquecerei que o dia de hoje aconteceu.

Ele dirige-me um sorriso como se eu o divertisse, depois diz:

— A minha carteira está lá dentro. Anda comigo.

Eu estava só a brincar e, tendo em consideração o estado da sua casa, não vou aceitar o dinheiro dele. Mas parece que conseguimos, de algum modo, desenvolver uma relação sarcástica, por isso, se me mostrar subitamente simpática e recusar o seu dinheiro, sinto que poderá ser insultuoso. Não me importo de o insultar a brincar, mas não quero insultá-lo *de verdade*. Além disso, não posso opor-me porque ele já segue em direção a casa.

Deixo os chinelos no carro, não querendo levar alcatrão para dentro da sua casa, e sigo-o descalça, subindo os degraus que rangem, apercebendo-me da madeira que apodrece no segundo degrau. Evito esse degrau.

Ele apercebe-se.

Quando entramos na sala de estar, o Miller deixa os sapatos manchados de alcatrão junto à porta da frente. É com alívio que constato que o lado de dentro da casa parece bem melhor do que o lado de fora. É limpo e organizado, mas a sua decoração está implacavelmente presa na década de 1960. O mobiliário é antigo. Um sofá de feltro cor de laranja, com a típica coberta tricotada a cobrir-lhe as costas, está virado para uma parede. Duas cadeiras verdes com um ar extremamente desconfortável estão viradas na direção oposta. Parecem de meados do século, mas não de um modo moderno. Bem pelo contrário, na verdade. Tenho a sensação de que estas peças de mobiliário nunca foram mudadas desde a sua aquisição, muito antes de o Miller ter nascido.

A única coisa que parece relativamente nova é a cadeira reclinável virada para a televisão, mas o seu ocupante parece mais velho do que a mobília. Não consigo ver senão uma parte do seu perfil e o cimo da cabeça quase careca, enrugada, mas o pouco cabelo que tem é de um prateado brilhante. Está a roncar.

Está calor lá dentro. Quase mais calor do que no exterior. O ar que inspiro suavemente é quente e cheira a gordura de bacon. A janela da sala de estar está levantada, flanqueada por duas ventoinhas oscilatórias dirigidas para o homem. Provavelmente o avô do Miller. Parece demasiado velho para ser o seu pai.

O Miller atravessa a sala de estar e dirige-se ao corredor. Começa a pesar sobre mim o facto de estar a segui-lo para ficar com o seu dinheiro. Foi apenas uma piada. Agora parece tratar-se de uma exibição extremamente patética do meu carácter.

Quando chegamos ao quarto dele, ele abre a porta, mas eu permaneço no corredor. Sinto uma brisa percorrer o quarto e chegar

até mim. Afasta o cabelo dos meus ombros e, embora seja uma brisa quente, sinto alívio.

Os meus olhos vagueiam pelo quarto do Miller. Uma vez mais, não faz recordar o estado do exterior da casa. Há uma cama, grande, encostada à parede mais distante. *Ele dorme aqui. Ali mesmo, naquela cama, movendo-se de um lado para o outro naqueles lençóis brancos durante a noite.* Obrigó-me a afastar o olhar da cama, para um enorme cartaz dos Beatles pendurado num local onde normalmente se encontraria a cabeceira da cama. Pergunto-me se o Miller é fã de músicas antigas ou se o cartaz está ali desde a década de 1960, tal como a mobília da sala de estar. A casa é tão velha que não me admiraria se este fosse o quarto do avô quando era adolescente.

Mas o que me chama a atenção é a câmara em cima da cómoda. Não é uma câmara barata. E ao seu lado estão várias lentes de diferentes tamanhos. É um conjunto que deixaria invejoso um fotógrafo amador.

— Gostas de fotografia?

Ele segue o meu olhar até à câmara.

— Gosto. — Abre a gaveta de cima da cómoda. — Mas a minha paixão é o cinema. Quero ser realizador. — Olha de relance para mim. — Mataria para ir para a Universidade do Texas, mas duvido que consiga uma bolsa. Por isso vou ter de ir para a universidade pública.

Pensei que ele estava a gozar comigo no carro, mas agora que olho para o seu quarto, começo a perceber que ele talvez estivesse a dizer-me a verdade. Está uma pilha de livros ao lado da cama. Um deles é da autoria de Sidney Lumet e intitula-se *Making Movies*. Aproximo-me e pego nele, percorrendo as suas páginas.

— És mesmo metediça — diz ele, imitando-me.

Reviro os olhos e pouso o livro.

— A universidade pública tem um departamento de cinema?

Ele abana a cabeça.

— Não. Mas pode ser um primeiro passo para algo que tenha.

— Aproxima-se de mim, segurando entre os dedos uma nota de dez dólares. — Esses sapatos custam cinco dólares no Walmart. Atira-te a eles.

Hesito, já não querendo aceitar o dinheiro dele. Ele vê a minha hesitação. Fá-lo suspirar, frustrado; depois revira os olhos e enfia a nota no bolso esquerdo das minhas calças de ganga.

— A casa é uma porcaria, mas eu não estou falido. Aceita o dinheiro.

Engulo em seco.

Ele acabou de enfiar os dedos no meu bolso. E eu ainda os consigo sentir ali, embora já lá não estejam.

Tusso para limpar a garganta e forço um sorriso.

— Foi um prazer fazer negócio contigo.

Ele inclina a cabeça.

— Foi? Porque pareces terrivelmente culpada por teres aceitado o meu dinheiro.

Normalmente sou melhor atriz do que isto. Sinto-me desiludida comigo mesma.

Dirijo-me à porta, embora adorasse ver melhor o seu quarto.

— Não há aqui culpa nenhuma. Tu estragaste-me os sapatos. Estavas a dever-me. — Saio às arrecuas do quarto dele e começo a percorrer o corredor, sem esperar que ele me siga, mas ele fá-lo. Quando chego à sala de estar, paro. O velho já não está na cadeira reclinável. Está na cozinha, ao lado do frigorífico, abrindo a tampa de uma garrafa de água. Fita-me com curiosidade e bebe um gole.

O Miller contorna-me.

— Tomaste os remédios, vô?

Ele chama-lhe vô. É um bocadinho adorável.

O avô olha para o Miller com um revirar de olhos.

— Tomo-os todos os dias desde que a tua avó deixou a cidade. Não sou nenhum inválido.

— *Ainda* — diz o Miller. — E a avó não deixou a cidade. Morreu de ataque cardíaco.

— Seja como for, deixou-me.

O Miller olha para mim por cima do ombro e pisca-me o olho. Não tenho a certeza do motivo daquele piscar de olho. Talvez seja porque o avô se parece um pouco com o senhor Nebbercraker, e o Miller esteja a tentar assegurar-me que ele é inofensivo. Começo a achar que é aqui que o Miller vai buscar o seu sarcasmo.

— És um chato — murmura o avô. — Aposto 20 dólares em como consigo viver mais do que tu e toda a tua geração de laureados com o prémio Darwin.

O Miller dá uma gargalhada.

— Cuidado, vô, o teu lado mau está à vista.

O avô olha para mim por um momento, depois olha de novo para o Miller.

— Cuidado, Miller. A tua infidelidade está à vista.

O Miller dá uma gargalhada perante a provocação, mas eu sinto-me algo envergonhada por ela.

— Cuidado, vô. As tuas veias varicosas estão à vista.

O avô atira a tampa da garrafa de água e atinge o Miller no rosto com ela.

— Vou rescindir a tua herança no meu testamento.

— Força. Sempre disseste que a única coisa que tinhas de algum valor era o ar.

O avô encolhe os ombros.

— Ar que agora não vais herdar.

Dou por fim uma gargalhada. Não tinha a certeza absoluta de que a sua troca de palavras fosse amigável até ao lançamento da tampa.

O Miller pegou na tampa e fechou-a na palma da mão. Faz um gesto na minha direção.

— Esta é a Clara Grant. É uma amiga minha da escola.

Uma amiga? Está bem. Dirijo ao avô um pequeno aceno.

— É um prazer conhecê-lo.

O avô inclina a cabeça um bocadinho, fitando-me muito sério.

— Clara Grant?

Aceno com a cabeça.

— Quando o Miller tinha 6 anos, fez cocó nas calças na mercearia porque o autoclismo das casas de banho públicas o aterrorizava.

O Miller resmunga e abre a porta da frente, a olhar para mim.

— Já devia saber que era melhor não te trazer até cá. — Faz-me sinal para que saia, mas não o faço.

— Não sei se estarei pronta para sair — digo, rindo. — Acho que gostava de ouvir mais histórias do teu avô.

— Tenho muitas — diz o avô. — Na verdade, provavelmente vais adorar esta. Tenho um vídeo dele quando tinha 15 anos e estávamos na escola...

— Vê! — riposta o Miller, interrompendo-o rapidamente. — Vai dormir a sesta. Já passaram cinco minutos desde que fizeste a última. — O Miller agarra em mim pelo pulso e puxa-me para o exterior da casa, fechando a porta atrás de si.

— Espera. O que aconteceu quando tinhas 15 anos? — A minha esperança é que ele termine a história, porque preciso de saber.

O Miller abana a cabeça e parece, na verdade, algo envergonhado.

— Nada. Ele inventa estas merdas.

Eu sorrio.

— Não, acho que *tu* é que estás a inventar merdas. Preciso daquela história.

O Miller pousa uma mão no meu ombro e empurra-me em direção aos degraus do alpendre.

— Nunca a vais ouvir. Nunca.

— Não conheces a minha persistência. E gosto do teu avô. Se calhar vou começar a visitá-lo — brinco. — A partir do momento em que os limites da cidade estejam mudados, vou encomendar uma pizza de *pepperoni* e ananás e ouvir o teu avô a contar histórias embaraçosas acerca de ti.

— Ananás? Na *pizza*? — O Miller abana a cabeça numa expressão de desilusão fingida. — Já não és bem-vinda.

Desço os degraus, evitando de novo o podre. Quando estou na segurança da relva, dou meia-volta.

— Não podes determinar de quem me torno amiga. E ananás na pizza é delicioso. É a combinação perfeita de doce e salgado. — Tiro o telemóvel. — O teu avô tem *Instagram*?

O Miller revira os olhos, mas está a sorrir.

— Vemo-nos na escola, Clara. Nunca mais voltas a minha casa.

Estou a rir-me quando regresso ao carro. Quando abro a porta e me viro, o Miller está a olhar para o telemóvel. Nem por uma vez olha para mim. Quando desaparece no interior da casa, ouço o som de uma notificação do *Instagram* no meu telemóvel.

Miller Adams começou a seguir-te.

Sorriso.

Talvez estivesse tudo na minha cabeça.

Antes mesmo de deixar o acesso já estou a ligar o número da minha tia Jenny.

COMO VOLTAR A VIVER QUANDO TODAS AS CERTEZAS DESAPARECEM?

Morgan e a sua filha adolescente, Clara, parecem não ter nada em comum. Depois de ter engravidado e casado quando era muito jovem, Morgan viu-se obrigada a adiar os seus sonhos e está determinada a não deixar que a filha cometa os mesmos erros. Clara não quer seguir os passos da mãe, que considera demasiado previsível, e é na sua tia Jenny que encontra uma confidente.

Quando Chris, marido de Morgan e pai de Clara, sofre um trágico e inexplicável acidente, o equilíbrio precário entre mãe e filha é quebrado e as consequências parecem alastrar-se às pessoas que as rodeiam.

Enquanto tentam reconstruir as suas vidas, Morgan encontra conforto num amigo do passado e Clara aproxima-se de Miller, uma companhia que a sua família não aprova. À medida que novos segredos e mal-entendidos surgem entre mãe e filha, ambas terão de lutar por uma reconciliação, antes que as suas diferenças e ressentimentos consigam afastá-las de modo irremediável.

UMA HISTÓRIA DE ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE MÃE E FILHA
QUE EXPLORA OS ERROS DO PASSADO E AS SUAS
CONSEQUÊNCIAS PARA O FUTURO.

AGORA ADAPTADO AO CINEMA POR JOSH BOONE,
REALIZADOR DE *A CULPA É DAS ESTRELAS*.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-317-1



9 789895 893171